

**Jornal do Brasil**

**19/3/1987**

PROFISSÃO: PADRE

ORGANIZAÇÃO: DOMINICANOS

CRIME: SUBVERSÃO

PENA: TORTURA E DELÍRIOS

CAUSA MORTIS: SUICÍDIO

*Um documentário de Marlene França, que estréia hoje na Sala 16, reconstitui a trajetória de Frei Tito, o dominicano que foi preso em São Paulo em 1969, torturado pelo delegado Fleury e que se enforcou cinco anos depois, na França, vítima de alucinações.*

Arthur Dapiere

À primeira vista, é no mínimo curiosa a trajetória de Marlene França, diretora dos curtas *Frei Tito* e *Mulheres da Terra*, que estréiam hoje à noite na Sala 16 do Cineclube Estação Botafogo. Iniciada no cinema aos 12 anos pela mão de Alex Viany, em *A rosa dos ventos*, de 1955, ela atuou nas ingênuas pornochanchadas da dura virada dos 60 para os 70, e hoje desponta como hábil documentarista de cunho social. A unificar as fases, uma idéia que Marlene gosta de repetir:

— Sempre soube de que lado da História eu estava.

Essa sertaneja baiana, logo depois de seu precoce debut cinematográfico já estava estudando a sétima arte no Museu de Arte Moderna de São Paulo, cidade onde se radicou. Estudava com professores do porte de Paulo Emílio Salles Gomes e Roberto Santos. Ela recorda:

— Tive um principio de carreira muito bonito com o Alex Viany. Ele foi um alicerce. Sem ele, não haveria esta força, ligada ao social. Paulo Emílio me dizia que o pior filme brasileiro ainda é melhor do que qualquer americano. E eu, em pleno americanismo, pensava que ele devia estar louco.

É claro que ele não estava, e Marlene diz-se impregnada por essa ideia — mesmo na sua fase de atriz. Trabalhou em cerca de 40 filmes, incluindo *Lampião*, rei do cangaço e *Cinco vezes favela*, e outras tantas peças teatrais e telefilmes. Quanto à fase erótica, lembra que ela e o país atravessavam momentos muito difíceis — por isso, demitida da TV Tupi, com filhos para criar teve de aceitar os trabalhos que surgiam.

Ainda no começo da década de 70, ela acolhe os perseguidos pela ditadura. É visitando Frei Beto no Presídio Tiradentes que conhece Frei Tito e seu amor pela música e pela poesia — mas o relacionamento "não passou do pátio". Morto Tito, Marlene sentiu que era necessário falar daquele jovem sensível, confinado numa cela onde caberiam oito e havia 50 presos políticos. Daí ao documentário *Frei Tito*, premiado tanto em Brasília quanto em Havana após amargar um ano de prateleira na Censura (de 83 a 84), foi um desenvolvimento natural mas demorado.

— Senti uma angústia muito grande, que me levou a caminhar com a história de meu país. Mas passar da palavra à ação leva tempo. Frei Tito fala da resistência dos dominicanos e homenageia todos os outros que não puderam estar no filme.

Ainda utilizando seus próprios recursos, filmou *Mulheres da terra* em 1985, “com um respeito quase monástico” pelas bóias-frias, fruto de sua origem sertaneja. Sempre militando, do MDB ao PCB, a cineasta sonha fazer um filme como assistente de direção de Roberto Santos ou Silvio Tandler (outro de seus “mestres afetuosos”), enquanto realiza uma pesquisa sobre os menores. Afinal, embora saiba que fazer cinema é difícil, e cinema social mais difícil ainda, Marlene França também sabe de que lado da História está.

***(Página 24 — ROTEIRO DA SEMANA)***